

O processo educacional e suas seqüelas

8 MAR 1985

GAZETA MERCANTIL

Educação

Dorival Martinez (*)

Toda vez que se propõe o questionamento sobre qual deveria ser a postura de um professor, ficam sempre, ao final, muitas sombras de dúvidas em conflito. O professor, o educador, o mestre: afinal de contas, qual é o seu papel? Sabe-se que o professor é um líder reconhecido disciplinarmente; detém o "monopólio" do saber e é o comandante-chefe de todo um grupo de alunos em classe.

Portanto, uma decorrência natural fica evidenciada: o professor influencia o seu grupo de alunos. Entretanto, alguns mestres, escondidos por certas dificuldades e certos problemas, desenvolvem um mecanismo de relacionamento restrito com seu grupo. No geral, esse grupo fica dependente, subordinadamente, ao mestre. Com tal atitude, o mestre não se expõe, antes, resguarda-se, separando-se do grupo.

Mas a questão aqui proposta até então não foi respondida. Qual seria a melhor forma de conduzir a classe à descoberta, portanto ao aprendizado? O educador Lauro de Oliveira Lima, em seu livro *Mutações em Educação* segundo Mc Luhan, assevera, aridamente, que, "quanto mais eficiente for o professor, mais débeis produz".

Ora, o importante é que o professor não se limite a ser tão-somente alguém que se proponha a transferir informações, que mostre fórmulas e dite regras. Não. Por conseguinte, também não convém ao mestre que fique atrelado ao conteúdo programático da disciplina, pois poderá perder a razão de ser. Parece melhor que o mestre anime, suscite, aguce e desperte seus educandos com vistas à pesquisa, à descoberta, enfim, ao saber.

Portanto, bom professor será aquele que levar os seus alunos a aprender a

materia, dinamicamente, em constante mutação, e caminhar com eles numa amplitude horizontal e vertical. Mas, muito mais do que somente levar a aprender a matéria, o professor poderá propor mecanismos que possibilitem aos alunos raciocinar abstratamente, sensibilizar o processo intelecto-criativo, desenvolver o sentido humanístico e, sobretudo, aprimorar o bom senso.

Mas o questionamento continua. Como educar? Educar como no passado? Educar para o presente? Ou educar para o futuro? Estas são grandes questões que merecem reflexão e análise, pois o processo educacional não acontece isoladamente, livre, solto. Não. A educação está inserida em todo um contexto macro: governo, cultura, instituições, conjunturas, política, economia, sociedade, Nação.

Será que os educadores têm uma proposta forma-

dora, autêntica, descomprometida com o sistema dominante? Ou será que eles se predispõem a repetir velhos modelos desenvolvidos quando ainda frequentavam os bancos escolares? E quanto à dicotomia da técnica e o humanismo, o que falar a respeito? Foi uma herança obtida pela reforma universitária dos anos 70. O ensino passou a ser tecnicista.

Diante disso, fica clara a existência de inúmeros conflitos presentes no processo educacional brasileiro. Conflitos desordenados, não debatidos, que não vivificam. Fica, pois, o convite para que tudo seja repensado à luz da sapiência, que é "a formação do homem total para servir à comunidade social". Esta é a máxima, espinha dorsal de tudo o que gravita em torno da educação.

É triste saber que, quando alguns líderes, bem-intencionados, abrem discussão em torno do assunto, os debates se desgastam

em aspectos administrativos, como falta de verbas, organização, centralização ou descentralização, enquanto pouco se fala a respeito do "produto" que se pretende manufaturar. O quê? Para quê? Como? Não há espaço ou tempo para comentários desse tipo. E, pois, esquecida a razão de ser da escola.

Recentemente, o jornal O Estado de S. Paulo promoveu um seminário para debater a crise universitária brasileira, com enfoque local. Foi um evento muito importante e rico. Os responsáveis pela educação universitária firmaram presença em suas alocações, discorrendo sobre aspectos administrativos das entidades e formais, sem contudo voltar atenção para os currículos, o ensino, enfim, o cerne para o qual as instituições foram criadas. Todavia foi uma boa semente.

(*) Consultor de empresas em São Paulo.